



AS POLÍTICAS DE COMBATE ÀS DROGAS E O ENCARCERAMENTO EM MASSA DE MULHERES: ENSAIOS ANALÍTICOS À LUZ DE TEORIAS ANTROPOLÓGICAS

Ademar Abolis Da Silva Amorim (ade_ademar1@hotmail.com)

Simone Becker (simonebk@yahoo.com.br)

As políticas de combate às drogas atuais se demonstram falhas em seus objetivos e propósitos como um todo. O cenário é um aumento massivo do encarceramento em relação ao tráfico de drogas quando em cena agonizam/protagonizam, em terras brasilis, pessoas negras e indígenas. Das diversas consequências deste viés, foi focado neste trabalho o aumento do encarceramento das mulheres em relação ao narcotráfico, considerando a interseccionalidade entre classe, geração e raça, isto é, tratou-se de uma juventude negra mais afetada em sua reprodução. Este presente texto buscou realizar um levantamento (bibliográfico) do encarceramento em massa de mulheres em relação ao narcotráfico, sob certos recortes temporais e locais que foram feitos com vagar no andar da pesquisa. Logo, foi buscado estabelecer um caráter comparativo entre as políticas norte-americanas e brasileiras e as consequências destes, especialmente sobre a minoria citada pela perspectiva também de teóricas e militantes negras/indígenas e complementarmente de mulheres teóricas e militantes não negras. Além de verificar especificamente a questão das detentas que não se enquadram nos perfis heterossexual, cis gênero e branco. Além disso, foram explorados os anuais e dados disponíveis sobre o encarceramento e o narcotráfico, focando nos disponíveis pela Polícia Federal e o INFOPEN. O resultado foi o aumento relativo ao encarceramento de mulheres, cujo este se demonstrou em um aumento de 567% entre 2006 a 2014. Ainda sobre o recorte de gênero, 62% das mulheres encarceradas estiveram ligadas a nova política drogas, enquanto na mesma categoria, os homens somatizam 26%. Quando se levou em conta, os dados específicos de raça e idade relacionadas as mulheres encarceradas, 50% das detentas possuíram a idade entre 18 e 29 anos, além de que metade destes números detinham apenas o ensino fundamental incompleto e as detentas negras chegaram a ser 68% do total deste número. Enquanto isso, a falta de dados em relação às detentas transsexuais também trouxe alarme. Logo, as realidades totalmente repressivas quando se analisaram gênero, classe social e raça dos/as detentos/as (BORGES, 2018) se revivificam diuturnamente no Brasil sobre determinados corpos em detrimento de outros (BUTLER 2015; 2017). A conclusão que se chegou é que a juventude negra é a mais mortificada de morte de bala achada ou de morte prendida com o encarceramento em massa, considerando também o etnocídio desde sempre a cá praticado. Desde o anúncio público de Richard Nixon sobre o “War on Drugs” até a nova Lei de Drogas no Brasil em 2006, percebeu-se uma via política que retira da prioridade às questões sociais e de saúde pública e foca na repressão e na coerção! Genocídio estratégico, redundâncias à parte.